

Nós e as vistas curtas

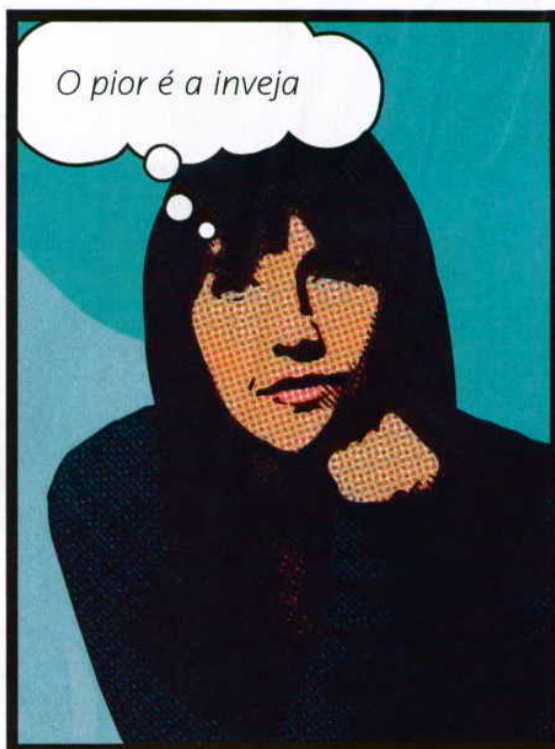
CURTO
PERSPECTIVAS

Os portugueses têm visões limitadas? Ou seremos um povo ambicioso que olha para o futuro? Oito personalidades partilham a sua opinião sobre o tema. RECOLHA DE **NELSON MARQUES**

Guta Moura Guedes

Designer, directora da ExperimentaDesign

“**Não acho** que ter vistas curtas seja um traço cultural português. Temos vistas com alcance longo, mas facilmente nos perdemos no caminho, o que é uma coisa diferente. Os nossos problemas são outros, como a inveja, a dificuldade em trabalhar em conjunto e na mesma direcção e uma certa tendência para nos focarmos em assuntos menores e sem importância nenhuma. Sintomas de má gestão, pura e simplesmente. Temos muitos exemplos de vistas largas. Historicamente, podemos recuar aos Descobrimentos, para citar um exemplo clássico. Mas basta olhar agora para todas as empresas, ou pessoas, que se lançam em projectos inovadores, que se conseguem projectar no panorama internacional, que arriscam em territórios que lhes são desconhecidos e que marcam a diferença. São muitos os casos e seria injusto citar só um. Claro que também existem exemplos de vistas curtas. Acontecem sempre que alguém olha só para a sua 'capelinha' ou para o seu 'quintal' e não percebe que se trabalharmos em conjunto ganhamos muito mais. O todo é sempre mais forte do que as partes.”



ILUSTRAÇÕES DE PAULO LIMA SANTOS

Boaventura de Sousa Santos

Sociólogo

“**Temos**, exactamente na mesma proporção, vistas curtas e vistas largas, como, aliás, os cidadãos de qualquer outro país do mundo. Os juízos dos que consideram que os portugueses têm mais de um tipo de vistas que de outro é que podem ter vistas curtas ou vistas largas. Têm vistas largas aqueles que consideram que os portugueses têm vistas curtas. E têm vistas curtas aqueles que consideram que os portugueses têm vistas largas. Estamos hoje integrados na UE e, por isso, para aquilo que mais interessa, as acções com vistas curtas não se podem explicar apenas com referência a nós. Perante a crise financeira de Agosto de 2008, a UE teve vistas curtas ao não criar um sistema próprio de notação para os riscos de investimento, aproveitando o momento frágil das agências de notação, que não previram a queda dos EUA ou dos seus bancos. Portugal teve vistas curtas ao não fazer pressão para essa mudança, pois era de prever que, em caso de crise, uma economia pequena seria mais vulnerável ante as oscilações da notação, que já causaram muito sofrimento humano injusto em muitos países não-europeus nos últimos 30 anos. O resultado está à vista e pode ser devastador. O melhor exemplo de vistas largas é a revolução do 25 de Abril de 1974. Teve o apoio da Europa, mas não foi decidida em Bruxelas.”



Rui Ramos

Historiador

“Só somos dez milhões, mas já é um número suficiente para haver um pouco de tudo. Há muitos exemplos de vistas que pareciam largas e, com o tempo, se revelaram curtas, e vice-versa. Em qualquer opção ou iniciativa, há uma dimensão de aposta e, como tal, de sorte. Um caso paradigmático de vistas largas na história recente de Portugal é o da nossa integração europeia, que começou em 1948, quando entrámos para a antiga OEEC, dando início a um longo processo, que culminou na adesão à Comunidade Europeia em 1986. Ainda que ditada, em parte, pelas necessidades de um país pobre e periférico, a decisão inicial revelou uma certa capacidade dos nossos governantes para verem ao longe. Mais tarde, porém, mostrámos o reverso dessas qualidades ao aproveitarmos sem pensar os juros baixos do euro para nos endividarmos e adiarmos as reformas estruturais da nossa economia e das instituições públicas. Contudo, o caso mais dramático de vistas curtas nos últimos 40 anos terá sido o nosso investimento colectivo numa construção civil sem qualidade, sem gosto e sem ordem. Gostamos de imaginar para o país um futuro grande no turismo. No entanto, de norte a sul, do litoral para o interior, conseguimos criar, com os nossos edifícios e estradas, o ambiente e a paisagem de um país feio — ou melhor, desfeado. A este respeito, haverá certamente um dia portugueses que lamentarão ter tido antepassados com a tacanhice das gerações do fim do século XX e princípio do século XXI.”

*Um país feio...
ou desfeado*



*Vamos olhar para
o longo prazo*



Luís Portela

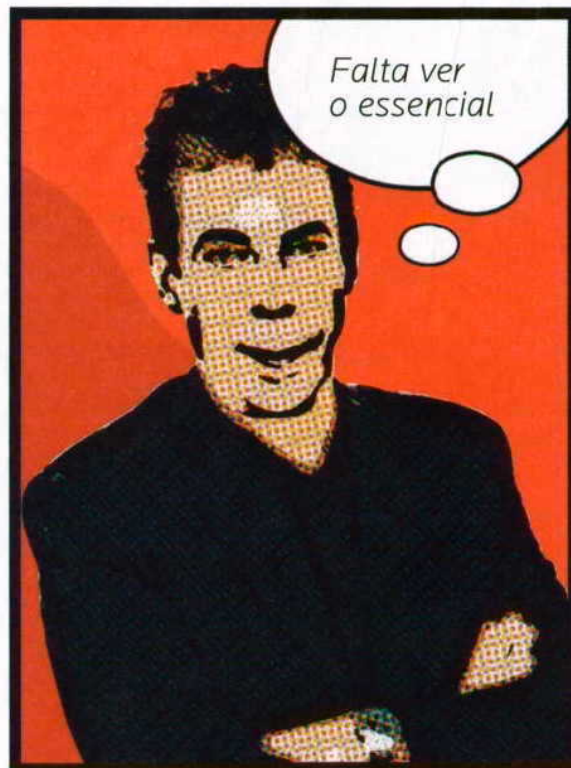
Presidente da Bial

“Há portugueses de vistas curtas e portugueses de vistas largas, como em todos os povos. Porém, nas últimas décadas, desenvolveu-se em Portugal uma certa cultura de insucesso, que faz com que a comunicação social foque a nossa atenção mais em quem tem vistas curtas. Parece-me aconselhável uma atitude e uma intervenção individual responsabilmente voltadas para o longo prazo e para o sucesso. Se cada um de nós o fizer, o colectivo tornar-se-á mais positivo, mais construtivo, de vistas mais longas. A política de ciência da última década, que fez com que Portugal se aproximasse da média europeia no número de mestres e doutores e na produção científica, é um bom exemplo de vistas largas. Será bom que a política económica aproveite devidamente esse enriquecimento, conquistando alguns mestres e doutores para o ambiente empresarial, desenvolvendo a cultura de inovação e conseguindo um número de projectos inovadores capazes de tornarem a nossa economia competitiva à escala global. Em sentido inverso, um bom exemplo de vistas curtas foi a construção de dez estádios para o Euro-2004, com proveitos muito limitados e enormes custos para várias gerações. Devemos tirar as lições necessárias para não se repetir o fenómeno, quando se preparam grandes investimentos públicos, como um mega-aeroporto e mais auto-estradas.”

Gonçalo Quadros

Presidente da Critical Software

“Não acho que sejamos um povo de vistas curtas. O alcance das vistas, das nossas ambições, está muito relacionado com o conhecimento que temos. É verdade que temos um problema de alfabetização, ou de escolarização, que se arrasta há muitas décadas e que só agora começa a resolver-se. Essa falta de educação, formação, conhecimento e cultura encurta-nos muitas vezes as vistas. Um bom exemplo são os nossos comentadores desportivos, incapazes de ver para lá do próximo jogo. Isso faz com que boa parte do que é importante não se analise. Temos o caso recente do Boavista, que passou num instante da graça de campeão à desgraça do esquecimento. Esta forma de vulgarização das vistas curtas reside, parece-me, no tipo de sociedade que construímos — muito material, egoísta, capaz de ver apenas o que está mesmo à sua frente e incapaz de ver o essencial. Falando de uma realidade que conheço bem, bons exemplos de vistas largas são os casos do João Gabriel Silva e do Henrique Madeira, que há 20 anos criaram na Universidade de Coimbra uma linha de investigação na área da Confiabilidade em Sistemas de Informação, para responder aos desafios dos sistemas críticos, que não podem falhar. Essa linha fez um percurso extraordinário, levando à criação, dez anos mais tarde, da Critical Software, que tem vindo a provar que é possível investir em Portugal com sucesso em áreas altamente especializadas e tecnológicas. A empresa cresceu, foi capaz de vender tecnologia às principais agências espaciais e de se aventurar nos mercados mais exigentes. Gosto de acreditar que Portugal mudou um pouco com o nosso exemplo.”



Alexandre Quintanilha

Cientista

“Sinto-me sempre desconfortável quando me pedem para caracterizar os portugueses. A diversidade é enorme e felizmente está a aumentar. Por um lado, acho que existe de tudo por cá: portugueses com vistas mais ou menos curtas ou largas. E, por outro, acho que Portugal mudou imenso em alguns aspectos desde que eu para cá vim, em 1990. Frequentemente dizemos que nós, os portugueses, arriscamos pouco, que preferimos um retorno quase imediato para o nosso investimento (emocional, financeiro, intelectual) e que temos dificuldade em dar continuidade ao que funciona bem. Esquecemo-nos da enorme e sólida diáspora portuguesa no mundo! Será que partiram porque perceberam que só lá fora é que valia a pena arriscar? Se isso foi, e ainda é, verdade para muitos, também assistimos quase diariamente a histórias de sucesso associadas a iniciativas altamente criativas à nossa volta. Apostar no conhecimento é claramente um exemplo de vistas largas: o programa Ciência Viva é um deles, os programas Erasmus também. As vistas curtas estão normalmente associadas a um medo, quase patológico, de falhar e que certamente estará relacionado com alguma falta de confiança e de autonomia individual.”

António Victorino d'Almeida

Músico

“Somos, infelizmente, um país de vistas curtas. O melhor exemplo é esta ideia, que perdura desde o tempo de Salazar, de que somos um país pequenino. Existem na Europa mais países de menor dimensão geográfica que o nosso do que países de maior dimensão. Este absurdo geográfico, que não corresponde à verdade, tem servido ao longo de décadas para justificar o nosso lento desenvolvimento. E não devia. Somos um país médio. Falta-nos é ambição. Um bom exemplo de vistas curtas é a construção desenfreada de auditórios por esse país fora, em cidades pequenas ou mesmo vilas, com excelentes condições, mas que depois não têm nem espectadores, nem a devida programação cultural, nem sequer equipamentos para receber os espetáculos para os quais estariam pensados. Há auditórios construídos para receber óperas de Wagner, com condições estruturais que fazem inveja ao Teatro de São Carlos, mas que depois não têm sequer um piano! Isto faz algum sentido? Para mim, que sou um defensor acérrimo do comboio, um bom exemplo de vistas largas seria aproveitar o dinheiro que nos preparamos para gastar no TGV — contra o qual, em teoria, nada tenho — e aplicá-lo para criar, por exemplo, 15 novas ligações rápidas entre as principais cidades.”

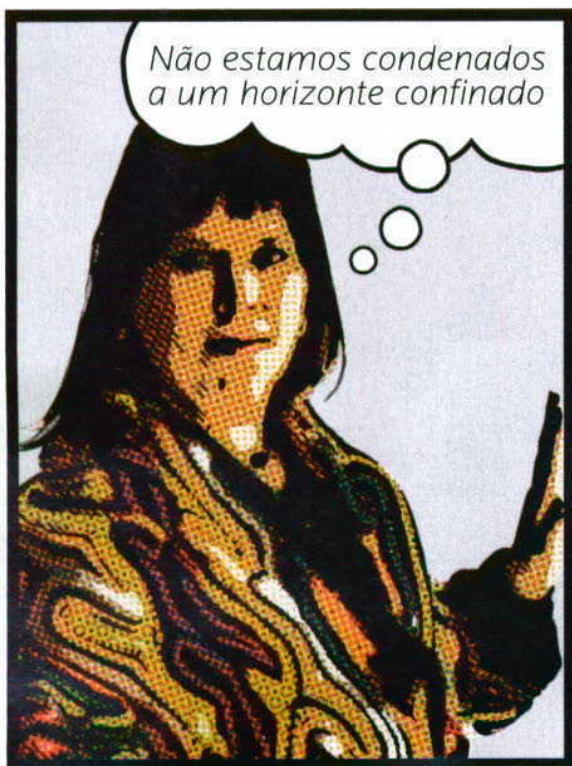


Não estamos condenados a um horizonte confinado

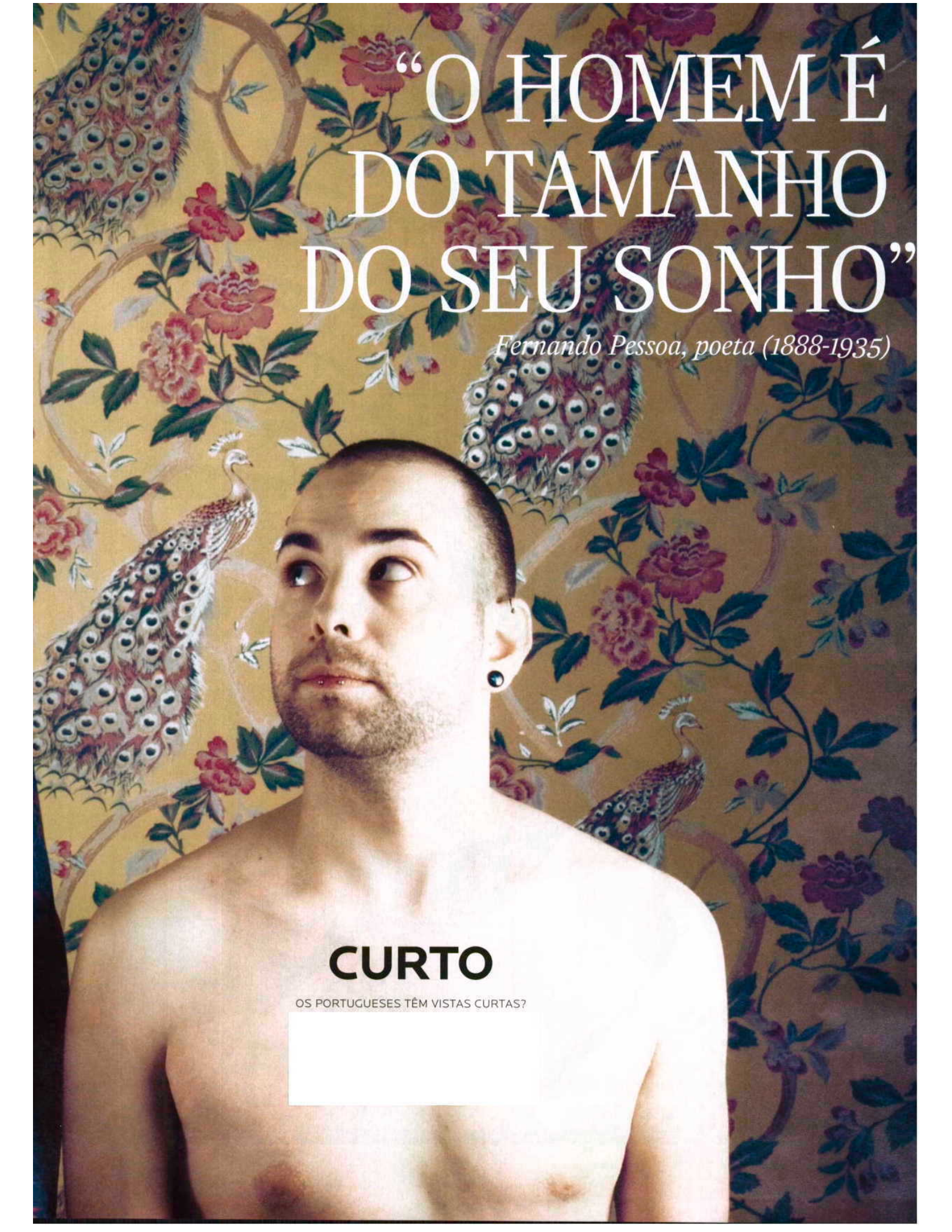
Joana Vasconcelos

Artista plástica

“Em Portugal, ter vistas curtas parece, muitas vezes, quase uma fatalidade. Não há melhor exemplo do que a distracção a que tem sido votada a Cultura, embora tenhamos hoje boas razões para acreditar que esta tendência pode (e deve) ser contrariada. Não é certamente com a actual situação de subfinanciamento que iremos oferecer aos portugueses as condições ideais para que as vistas se alarguem. É pacífico e reconhecido que cidadãos mais bem preparados culturalmente e com uma perspectiva do mundo abrangente serão mais capazes de responder a quaisquer desafios. Se genuinamente os políticos quiserem oferecer reais condições para que o país progrida, a Cultura é, por excelência, uma das prioridades. Mas há também bons exemplos — no passado e no presente — a demonstrar que não estamos de forma nenhuma condenados a um horizonte confinado. O exemplo dado em diversas áreas onde nos temos distinguido deve encorajar-nos a ser mais ambiciosos e a acreditar no futuro. A aposta no TGV, por exemplo, é essencial, sobretudo a ligação a Madrid. Aproxima-nos do mundo, condição essencial para alargar as nossas experiências, o conhecimento e levar a nossa cultura ao conhecimento dos outros.”







“O HOMEM É
DO TAMANHO
DO SEU SONHO”

Fernando Pessoa, poeta (1888-1935)

CURTO

OS PORTUGUESES TÊM VISTAS CURTAS?



CURTO

28 PERSPECTIVAS **Nós e as vistas curtas** *São os portugueses um povo com ambição, que olha para o futuro? Oito personalidades partilham a sua opinião*

RECOLHA DE NELSON MARQUES